

# POESIA E FILOSOFIA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Rodrigo Barbosa

Aluno do Curso de Filosofia – Mackenzie

*A felicidade é uma invenção humana. Algo que se constrói com o pensamento. Que não há felicidade na natureza, nem na materialidade. A felicidade é algo da literatura, do pensamento, da filosofia.*

(De: *Giovanna e os poemas sumérios*, Jorge Luís Gutiérrez)

Desde o período mais longínquo que se pode imaginar, através de séculos e séculos, o homem faz poesia<sup>1</sup>. Salomão, famoso pelos salmos nos quais louvava a Deus, já se expressava em versos. A história da humanidade deixa muito clara essa capacidade que o homem tem de se expressar em versos, poemas, poesias... Poesias estas que expressam dor, tristeza e angústia. Mas também expressam alegria, felicidade, amor e esperança. Poesias estas que vão além da superficialidade dos fatos, onde é possível criar e recriar mundos diferentes, somente com o auxílio do pensamento.

Em muitas ocasiões, percebemos que a realidade é dura e pensamos que a vida não é justa. Chegamos a viver sem ter fé em um novo porvir. No entanto, o que nos mantém de pé é a esperança. A esperança de que essa vida realmente pode ser melhor. Esperança numa felicidade futura. Esperança em nós mesmos. O mundo é tal como se apresenta a nós: duro e indiferente. A esperança é algo criado pelo ser humano para superar a dureza e a indiferença do mundo. A felicidade é construída por nós, que precisamos dela pra sobreviver. Como seria essa vida sabendo que um dia deixaremos de existir? Como seria viver pensando na imprevisibilidade do futuro? O que seria de nós ao imaginarmos um mundo onde vivêssemos sozinhos e sem as pessoas que amamos? Nenhum ser humano conseguiria suportar a vida sem ter

---

<sup>1</sup> Ver um exemplo neste mesmo número da revista Pandora Brasil, nº 35, no artigo de Jorge Luis Gutiérrez, “Qual é o poema de amor mais antigo da humanidade”.

esperanças na felicidade, pois a esperança na felicidade é a própria felicidade, pois nos serve de consolo. Por esse sentimento humano ser especial, a citação do filósofo Jorge Luis Gutiérrez, contida na **epígrafe** deste artigo é importante. Ela foi tirada de um conto<sup>2</sup>, no qual o autor mostra que um escrito sempre pode ir além dos fatos, pois o pensamento de seu autor tem a capacidade de criar muitos mundos diferentes, sempre em busca de felicidade. Talvez a felicidade não exista de fato no mundo, mas podemos criá-la com nosso pensamento.

A poesia tem o poder de ultrapassar o dado em direção a um novo caminho, que pode libertar os homens de suas prisões sentimentais. De acordo com Platão:

*“Se considerasse que a parte da alma que estava sendo contida naquela ocasião, no momento dos infortúnios familiares, e sentia uma necessidade imperiosa de chorar e lamentar-se até saciar-se, porque sua natureza é afeita a esses desejos, é a que, naquele momento, os poetas satisfazem a alegria (PLATÃO, 2006, p. 397)”.*

Com essa passagem, Platão diz que por meio das poesias, os poetas se libertam de toda a tristeza. Essa libertação é um impulso do homem, que quer se libertar. Portanto, além da poesia ter o poder de tornar a vida mais bonita e esperançosa, tem também o poder de libertar o homem de seu sofrimento. Portanto, o homem depende da poesia pra ser feliz. Seja a poesia em verso, seja a poesia de um luar, de um olhar, de um encontro, de um momento... A poesia é sinônima de esperança e sem esperança o homem não vive, mas sim sobrevive, numa vida marcada pela angústia e pelo desespero.

Sobre os poemas, Mário Quintana diz o seguinte:

*“Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lêis.  
Quando fecha o livro, eles alçam voo  
como de um alçapão.  
Eles não têm pouso*

---

<sup>2</sup> O conto é **“Giovanna e os poemas sumérios**. Do livro *“Fragmentos de Ternura, Filosofia e Desterro”*. Disponível em: [http://revistapandora.sites.uol.com.br/fragmentos/frag\\_giovanna.htm](http://revistapandora.sites.uol.com.br/fragmentos/frag_giovanna.htm)

*nem porto  
alimentam-se um instante em cada par de  
mãos  
e partem.  
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto de saberes  
que o alimento deles já estava em ti  
(QUINTANA, 2005, p 469)".*

Quintana estava repleto de razão em seus versos. Quando alguém lê um livro de poemas, parece que esses poemas chegam de surpresa e se identificam com o leitor. Quando o livro é fechado parece que os poemas voam pra um lugar distante, como se o alimento que permite que eles vivessem tenha se esgotado. E o leitor percebe maravilhado que o alimento dos poemas é o próprio leitor. Por que existiria algum poema se não houvesse pessoas que o apreciasse? Isso faria sentido? A resposta é óbvia: não. Os poemas se alimentam das pessoas, mas as pessoas também se alimentam dos poemas, pois os poemas tornam a vida mais interessante.

Dados estes fatos, me parece importante mencionar a experiências que tive com a convivência junto aos alunos do Ensino Médio de uma escola pública, onde se pretendeu trabalhar algumas questões filosóficas por meio de leituras e discussões de poemas. Além da exploração dos poemas, foi importante também o uso da música, que é poesia cantada.

A realidade de muitos jovens do Ensino Médio é muito dura. Eles desde muito cedo estão acostumados ao trabalho pesado. O estudo, em muitos desses casos, é visto como algo secundário, visto que existem algumas necessidades (alimentação, moradia, despesas, etc.) que são imediatas. Como um professor de filosofia pode ensinar epistemologia e metafísica para jovens que frequentam a escola somente para se alimentarem? Como discutir a respeito da transcendência e do cogito cartesiano com jovens que não tem como se dedicar seriamente aos estudos? O desafio realmente é muito grande. Por isso, cabe ao professor mostrar aos jovens que é possível filosofar e sentir prazer com isso. Mostrar que é possível pensar no além da realidade, mesmo que ela esteja tentando tragá-los para as profundezas do imediatismo sistemático, burocrático e deprimente. Uma possibilidade de realizar tal fato é por meio das poesias e poemas.

Um sentimento que se manifesta nos adultos é, na maioria das vezes, muito menos intensivo do que aquele que se manifesta em um adolescente. Uma jovem que se separa do namorado vai ter a impressão de que jamais poderá ser feliz novamente

sem o amado. Um rapaz que é desprezado pela amada pensará que sua vida não valerá a pena de ser vivida. Uma criança que perde o melhor amigo fica deprimida por muito tempo. Ou seja, quando se trata de uma abordagem tendo o sentimento como meio, ela pode ser mais contagiante.

Em uma ocasião, um poema de amor de Jorge Luis Gutiérrez que trazia elementos da filosofia pré-socrática<sup>3</sup> foi de fundamental importância para que os alunos percebessem e entendessem com mais propriedade a filosofia dos filósofos anteriores a Sócrates. Expor a filosofia de Tales de Mileto, na qual o filósofo tinha convicção de que o princípio primeiro de todas as coisas era água ganha um sabor especial quando retratada por meio de uma pessoa apaixonada que diz que o princípio da sua amada era a água de um beijo. Esse recurso torna as explicações mais instigantes, mais bonitas e mais interessantes.

O escritor Mário Quintana também usava sua poesia para dialogar com a filosofia. No poema denominado *Bilhete a Heráclito*, Quintana diz:

“Tudo deu certo, meu velho Heráclito,  
Porque eu sempre consigo  
atravessar esse teu outro rio  
com o meu eu eternamente outro  
(QUINTANA, 2005, p. 513)”.

Com isso, o poeta estabelece um diálogo muito íntimo com a filosofia. O filósofo Heráclito de Éfeso é um dos mais importantes entre os filósofos anteriores à Sócrates. Muita coisa sobre Heráclito se perdeu com o tempo e o que se sabe sobre ele foi transmitido principalmente por Diógenes Laércio e Aristóteles. Sua principal tese é a de que é impossível ao homem entrar duas vezes no mesmo rio. Em primeiro lugar, quando o homem for entrar no rio pela segunda vez o rio não será mais o mesmo, pois suas águas teriam corrido e ele teria mudado. Em segundo lugar, o próprio homem não seria mais o mesmo, na medida em que ele também teria mudado com o tempo. Portanto, a filosofia de Heráclito é regida pelo movimento contínuo. O poema de Quintana vem de encontro com aquilo em que acreditava Heráclito. Quintana diz que tudo deu certo porque sempre conseguiu atravessar o outro rio, mas somente com o seu ser sendo eternamente outro. O ser é um constante devir.

A filosofia, por englobar uma quantidade enorme de diversidades, de conteúdos e de formas, torna possível uma abordagem diferente. Abordar um assunto

---

<sup>3</sup> Este poema é “**Poema de amor à maneira pré-socrática**”. Do livro “*Fragments de Ternura, Filosofia e Desterro* “. Disponível em: [http://filosofar.sites.uol.com.br/POEMA\\_PRE\\_SOCRATICO.htm](http://filosofar.sites.uol.com.br/POEMA_PRE_SOCRATICO.htm)

difícil pode ser mais prazeroso quando o método a ser seguido for um método mais instigante. Na música, por exemplo, o jovem consegue perceber algo difícil naquilo que ele gosta. No Livro X República, Platão conta o Mito de Er, que é um mito usado como tentativa de justificar a teoria da reminiscência. De acordo com esta teoria, nada neste mundo é aprendido pelo homem, pois Platão acreditava que o homem trazia todas as informações consigo de maneira inata. Portanto, se é assim, nada se aprende: tudo é recordação. No Mito de Er, Platão diz que um jovem morre e vai para um mundo além do mundo dos vivos. Lá ele tem a visão de tudo o que ocorre e das verdades eternas. Logo na frente, existe uma fonte. Todos aqueles que bebem dessa fonte se esquecem de tudo que vira outrora. Após isso, essas pessoas estão prontas para retornar ao mundo dos vivos. Er, após ter visto tudo isso, não bebe da fonte e retorna ao mundo dos vivos de tal forma que pode dar testemunhos daquilo que presenciou. Essa é uma teoria muito bonita, mas há a possibilidade de ser tratada com descaso pelos adolescentes iniciantes na filosofia. Isso pode ser evitado por meio de uma música que eles conhecem e gostam. Essa música é *A Fonte*, da banda musical brasileira Legião Urbana. Nessa música, Renato Russo diz o seguinte:

“Do lado do cipreste branco  
À esquerda da entrada do inferno  
Está a fonte do esquecimento  
Vou mais além, não bebo dessa água  
Chego ao lago da memória  
Que tem água pura e fresca”

Outro exemplo de música que pode ser utilizada para a compreensão de uma teoria é *Metamorfose Ambulante*, do cantor de rock nacional Raul Seixas. Essa música se encaixa com a noção hegeliana de dialética. De acordo com o filósofo alemão, a dialética é uma constante oposição de ideias e uma ideia sempre tende a ser substituída por outra na medida em que a História se desenvolve. Na música, Raul Seixas diz que prefere ser uma metamorfose ambulante a ter uma velha opinião formada sobre todas as coisas. Ou seja, ele prefere levar a efeito o movimento dialético do que ser estático, imóvel e inerte. Mais à frente ele diz que no presente momento quer dizer o oposto do que disse antes sobre uma determinada ideia. Portanto, isso representa a negação de uma tese no movimento dialético. Logo, uma teoria como esta pode se fazer mais inteligível se usado o recurso da música, conforme a própria experiência indica.

A música não tem somente a função de auxiliar no entendimento de uma teoria. Um exemplo disso é a afirmação de Luís de Camões, quando este diz que mesmo que falasse a língua dos anjos, sem o amor ele nada seria<sup>4</sup>. Esse verso se tornou muito conhecido nacionalmente, sobretudo com a música *Monte Castelo*, da banda musical brasileira Legião Urbana. Na música, Renato Russo repete exatamente isso. Se a leitura de Camões não estava acessível ao público, a música de Renato Russo estava presente na televisão, nos rádios e nas ruas. Com isso, a poesia de Camões passou a ser mais conhecida por estar mais acessível por intermédio da música. E há também a necessidade de conhecer a profundidade e beleza do verso de Camões. Ele passa a seguinte mensagem: o sujeito pode falar inglês, japonês, grego ou até mesmo a língua sagrada dos anjos, mas nada garante que ele se sinta realizado como pessoa somente com isso. Atualmente, as pessoas se preocupam demasiadamente com o fato de terem que acumular riquezas materiais. Muitas dessas pessoas têm boa casa (ou até mesmo casas), mesa farta, carros luxuosos, status social e... E felicidade? Essas pessoas têm felicidade? Suas riquezas podem comprar amigos, família e saúde? A resposta é muitas vezes negativa. Infelizmente, muitas dessas pessoas nunca conheceram a felicidade. Se preocuparam tanto em acumular capital que se esqueceram daquilo que as fazem ser humanas: o amor. Sem amor a riqueza não traz felicidades. Não é possível comprar amigos de verdade. Não é possível comprar amor de verdade. Não é possível comprar saúde. Os “amigos” são pessoas que amam somente o dinheiro. O mesmo ocorre com o “amor”. O dinheiro também não é garantia de saúde, pois frequentemente pessoas riquíssimas falecem de doenças terríveis, como câncer e AIDS. Quando a pessoa se preocupa em ser boa e tem amor ao próximo, ela conseqüentemente encontrará amigos de verdade, que estarão com ela em todas as ocasiões. Se for uma pessoa gentil e atenciosa, as chances de encontrar um verdadeiro amor se multiplicam grandiosamente, pois o verdadeiro amor não é construído em cima de aparências, e sim de alicerces concretos. Ter amor não é garantia de saúde, mas é garantia de, se um dia a saúde faltar, ter pessoas se preocupando e dando amor à ela. Portanto, se uma pessoa tiver todas as riquezas do mundo e não souber amar, ela não saberá o que é a felicidade. Um próprio exemplo disso é o conto infantil *A Bela e a Fera*. Nesse conto, há um príncipe egoísta e que não conhece o amor. Por causa disso, ele foi transformado numa fera horrorosa por uma feiticeira. Ele teria que aprender a amar alguém e ser retribuído para que fosse transformado novamente em um ser humano. No desenrolar da história, ele conhece uma moça muito gentil. Depois de algum tempo e de vários

---

<sup>4</sup> Esta afirmação de Camões está baseada no texto da Bíblia: 1ª carta de Pablo aos Coríntios 13: 1 ss.

conflitos, ele realmente aprende a amar e é retribuído. Finalmente, conseguiu sua aparência humana, mas dessa vez estava mudado, sendo um príncipe gentil e amoroso. Essa história nos mostra que o amor é capaz de transformar feras em homens, de acabar com a tristeza e trazer a felicidade à tona. O príncipe só foi realmente feliz quando descobriu o que é o amor. Com isso, somos levados a acreditar que, conforme já dizia Renato Russo, é preciso amar as pessoas como se o amanhã não existisse. Amar acima de qualquer coisa. E a melhor maneira de perceber isso é vivenciando o amor. As manifestações artísticas citadas acima contribuem decisivamente para que venhamos a perceber a importância do amor na vida de cada um dos seres humanos. Sem o amor, nada vale a pena.

## Conclusão

Este artigo foi uma tentativa de expor algumas das experiências obtidas ao se trabalhar a fronteira entre poesia e filosofia em uma escola de Ensino Médio. O objetivo foi ultrapassado para uma análise mais profunda a respeito de como é a vida do homem e sobre sua necessidade de respirar poemas.

O filósofo Jorge Luis Gutiérrez em um de seu conto “*Giovanna e os poemas sumérios*” mostra que um escritor pode ultrapassar a materialidade dos fatos para imaginar finais felizes. No ato de escrever, não importa se a vida é triste, se a morte chega, se existem brigas ou se pessoas se separam. O que importa é o fato de um escritor sempre poder imaginar o que há de mais feliz no mundo. Os poemas, portanto, podem ajudar alguém a suportar uma dor ou até mesmo ser feliz. A poesia pode tornar mais inteligível uma teoria complexa e o amor liberta. E é essa essência humana que um professor de filosofia pode passar para seus alunos, para que estes percebam que o mundo pode ser cruel e a vida difícil de ser vivida, mas a esperança existe e o amor é a arma mais poderosa para enfrentar todas as dificuldades.

Assim, podemos concluir que recorrer ao método de análise por meio da música, poesia ou contos, não garante sucesso, mas faz com que o entendimento e a reflexão estejam mais próximos do resultado que se pretende atingir, a saber, a compreensão da teoria filosófica.

## Referências

**GUTIÉRREZ**, Jorge Luis. *Fragmentos de Ternura, Filosofia e Desterro*. São Paulo: Scortecci, 2006.

**GUTIÉRREZ**, Jorge Luis. *A fronteira comum entre Filosofia e Poesia*. Revista Filosofia, Ciência e Vida, São Paulo, Mar. 2009.

**HERÁCLITO**. *Pré – Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

**LEGIÃO URBANA**. *O descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: EMI, 1993.

**LEGIÃO URBANA**. *As quatro estações*. Rio de Janeiro: EMI, 1989.

**PLATÃO**. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

**QUINTANA**, Mário. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Revista Pandora Brasil